

A repressão à imprensa anarquista em São Paulo: Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe na mira do DEOPS/SP (1930-1937)

André Rodrigues¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a repressão policial aos militantes anarquistas Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe, entre os anos de 1930 e 1937. Tomamos como objeto de estudo os prontuários policiais produzidos pelo DEOPS/SP que procuraram investigar esses dois anarquistas e as edições dos jornais *A Plebe*, que era dirigido por Felipe e *A Lanterna*, que tinha Leuenroth como o seu diretor. Por meio da análise das fontes, fica evidente que as autoridades públicas se preocupavam severamente em interditar o discurso anarquista, principalmente quando era transmitido por meio dos jornais, tendo em vista que era por meio das fontes impressas que as esquerdas naquela época alcançavam um público maior. Assim, a repressão e a investigação policial eram utilizadas de um modo eficaz para controlar ou mesmo coibir discurso anarquista, que era amplamente repudiado pelas autoridades por criticar constantemente o governo e defender uma revolução social.

Palavras-chave: Edgard Leuenroth; Rodolpho Felipe; DEOPS/SP; *A Plebe*; *A Lanterna*.

The repression of the press anarchist in São Paulo: Edgard Leuenroth and Rodolpho Felipe in the sights of DEOPS / SP (1930-1937)

Abstract: This paper aims to analyze the police repression against anarchist militants Edgard Leuenroth and Rodolpho Felipe between the years 1930 and 1937. We used as object of study the police records produced by DEOPS / SP, which was sought to investigate these two anarchists and also editions of the newspapers *A Plebe*, which was directed by Felipe and *A Lanterna*, which had Leuenroth as its director. Through the analysis of the sources, it is evident that the public authorities were severely concerned with interdicting the anarchist discourse, especially when it was broadcast through the newspapers, in view of was through the printed sources that the leftist at that time reached the large audience. Therefore, repression and police investigation were used effectively to control or even curb anarchist discourse, which was widely repudiated by the authorities for constantly criticizing the government and defending a social revolution.

Keywords: Edgard Leuenroth; Rodolpho Felipe; DEOPS/SP; *A Plebe*; *A Lanterna*.

Artigo recebido em 03/03/2021 e aceito em 28/03/2021

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

Introdução

Ao analisarmos a trajetória do movimento anarquista em São Paulo na década de 1930, chama a atenção a forte repressão que o Estado utiliza ao combater os militantes anarquistas, principalmente aqueles que eram envolvidos com atividades tidas como subversivas pelo poder público daquela época, como a luta sindical, a luta antifascista e a publicação de jornais, como o caso de Edgard Leuenroth, que era o diretor do jornal *A Lanterna*, e de Rodolpho Felipe, o editor-chefe de *A Plebe*.

Dentro da historiografia especializada sobre o movimento anarquista no Brasil, existem alguns trabalhos que procuraram compreender a repressão policial ao movimento anarquista nos anos 1930 e 1940, como o livro *Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)* de Lucia Parra e a Dissertação de Mestrado intitulada *Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*, de Rodrigo Rosa da Silva ^{II}.

Mas, apesar da existência desses importantes trabalhos, os estudos historiográficos sobre o tema da repressão do DEOPS/SP ao movimento anarquista em São Paulo não se encontram esgotados. Tendo em vista a multiplicidade de prontuários, produzidos pela polícia política, que procuraram investigar os militantes, sindicatos, organizações culturais e jornais anarquistas, ainda cabem várias análises sobre a repressão policial e a resistência anarquista perante as forças autoritárias do Estado.

Desse modo, com o presente trabalho, pretende-se contribuir para os estudos a respeito da perseguição policial ao movimento anarquista em São Paulo, ao serem analisadas por meio dos jornais libertários e dos prontuários policiais de Edgard Leuenroth e de Rodolpho Felipe, as formas articuladas pelo DEOPS/SP para investigar e reprimir esses dois importantes militantes anarquistas, que, nos anos 1930, foram amplamente visados pelas forças policiais por estarem diretamente envolvidos com a publicação da imprensa libertária.

Breves considerações sobre o anarquismo no Brasil na década de 1930

Em muitas obras de autores marxistas produzidas nas décadas de 1970 e 1980, como no caso do livro *O Ano Vermelho*, de Moniz Bandeira (1980), o anarquismo aparece como tendo o seu auge no movimento operário brasileiro entre o findar do século XIX e o início da segunda década do século XX, quando finalmente começa a ser superado pelo comunismo como principal corrente de esquerda, no momento em que os militantes mais esclarecidos do movimento operário resolveram fundar o Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922 ^{III}.

No entanto, como demonstra Rodrigo Rosa da Silva, essa tese marxista da decadência do anarquismo possui uma série de limitações, sendo que não pode ser aplicada para o caso do estado de São Paulo, pois uma pesquisa mais detalhada utilizando os jornais anarquistas e os prontuários policiais do DEOPS/SP, que passaram a ser disponíveis para a consulta por meio do Arquivo Público do Estado de São Paulo na década de 1990, é possível demonstrar que, até pelo menos 1937, os anarquistas desenvolviam uma série de atividades de militância junto ao movimento operário, sendo, aliás, que a Federação Operária de São Paulo (FOSP) a mais expressiva organização sindical paulista nos anos 1930, era liderada pelos militantes anarquistas:

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

A análise detida de novos documentos possibilita não só afirmarmos a sobrevivência da atuação anarquista nos anos 1930 e a atividade cotidiana de muitos militantes anarquistas, grupos e órgãos de orientação libertária como também identificarmos a presença do anarquismo na cena política e sua grande influência nas associações e sindicatos de trabalhadores, contrariando a maioria das teses sobre a história do movimento sindical no Brasil ^{IV}.

Na década de 1930, os anarquistas se envolveram em inúmeros tipos de atividades, como as culturais e políticas que ocorriam, sobretudo por meio do Centro de Cultura Social (CCS), a militância sindical, por meio da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e seus sindicatos filiados, e a luta antifascista, por meio de atividades que ocorriam entre os próprios militantes anarquistas, ou até mesmo por meio de atividades em conjunto com outros grupos políticos de esquerda, como socialistas, “trotskistas” e “stalinistas”.

Os anarquistas que militavam na FOSP se opuseram enfaticamente ao sindicalismo oficial que entrou em vigor na Era Vargas com a implantação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no ano de 1931, em defesa dos princípios que regiam o sindicalismo revolucionário: negação da política institucional, autonomia operária, recusa na colaboração entre as classes sociais e a negação da intermediação do Estado nos conflitos entre os trabalhadores e os patrões ^V. Nesse período, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio se tornou o responsável por fazer valer a legislação trabalhista e por arregimentar a sindicalização oficial, como um meio de garantir um eficaz combate ao sindicalismo livre vinculado às esquerdas ^{VI}.

Nos primeiros anos da década de 1930, os anarquistas, em conjunto com outros da esquerda, participaram de diversos movimentos grevistas críticos ao sindicalismo corporativista, em defesa da autonomia das organizações sindicais. Entretanto, o Estado passou a reprimir todos os focos de resistência ao sindicalismo oficial, sendo que a FOSP teve a sua sede invadida e fechada pela polícia em novembro de 1937, mas alguns sindicatos vinculados aos anarquistas permaneceram ativos:

Alguns sindicatos anarquistas, entretanto, apresentaram um breve retorno em 1937, antes da decretação do Estado Novo, entre eles a União dos Artífices em Calçados, a Liga dos Operários em Construção Civil e o Sindicato dos Manipuladores de Pão. Os padeiros continuaram suas atividades, mantendo seus estatutos libertários e sua prática da ação direta na negociação com os proprietários de padarias. Realizaram greves em 1936 e 1937 e mantiveram a publicação de seu jornal nesse período. Sob estrita vigilância, seriam pressionados somente em 1940 para abrirem mão do título de “sindicato”, prerrogativa apenas das associações oficiais ^{VII}.

Entre 1932 e 1935, também é possível constatar uma presença bastante significativa dos anarquistas em importantes episódios da luta antifascista, como na Batalha da Praça, em 7 de outubro de 1934. Nesse dia, o movimento integralista pretendia realizar um ato público na Praça da Sé, centro da cidade de São Paulo, em celebração aos dois anos do lançamento do Manifesto Integralista, documento redigido por Plínio Salgado, em 1932, que lançou as bases para a formação da Ação Integralista Brasileira (AIB), o maior movimento fascista brasileiro, mas foram impedidos pela ação conjunta dos militantes anarquistas, socialistas, “trotskistas”, “stalinistas”, entre outros grupos antifascistas, que decidiram que, por meio da luta armada, não iriam permitir a manifestação. Devido à participação nesse evento, os militantes anarquistas e as organizações sindicalistas revolucionárias foram alvos da repressão policial,

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

sendo que, logo no dia 8 de outubro de 1934, a FOSP teve a sua sede invadida e muitos militantes que lá estavam foram encarcerados^{VIII}.

Nesse contexto, em que o movimento anarquista permanecia como uma das mais importantes correntes da esquerda de São Paulo, muitos anarquistas foram investigados e perseguidos pelas forças policiais devido as suas atividades de militância, principalmente aqueles vinculados a publicação de jornais, tendo em vista o interesse que as forças repressivas do DEOPS/SP tinham em interditar todos os discursos revolucionários veiculados pelos movimentos políticos de caráter contestatório.

Antes de adentrar na análise da repressão do DEOPS/SP aos jornalistas Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe, cabe destacar que a perseguição policial ao movimento anarquista no Brasil não foi algo exclusivo da década de 1930, mas já vinha desde o findar do século XIX, quando os primeiros anarquistas estrangeiros e brasileiros começaram a se organizar em grupos de propaganda e na edição dos primeiros periódicos anarquistas publicados em território nacional e, que ao longo das primeiras décadas do século XX, foram criados decretos e leis que buscavam reprimir o movimento anarquista, militantes de origem estrangeira foram expulsos do país, jornais foram empastelados e anarquistas envolvidos com sindicatos e greves foram reprimidos e presos^{IX}.

O Código Penal de 1890 não regularizava a entrada e extradição de “militantes estrangeiros perigosos” do Brasil, aos quais os anarquistas tendiam a ser relacionados, mas já trazia uma série de mecanismos para combater as mobilizações dos trabalhadores, como a proibição da incitação as greves e piquetes^X.

Entretanto, desde o findar do século XIX, houve casos de anarquistas deportados rumo aos seus países de origem por meio de decretos expedidos pelos líderes do poder executivo, como o caso da expulsão, em 1894, de dez anarquistas italianos residentes em São Paulo, que foi legitimada por meio de um decreto assinado pelo então Vice-Presidente da República Floriano Peixoto^{XI}.

Apesar de os casos de expulsão de anarquistas do Brasil ocorrerem desde a década de 1890, vai ser somente com a promulgação da Lei Adolfo Gordo, em 1907, que a expulsão de estrangeiros vai ser mais bem regularizada de forma jurídica. Essa lei previa que os estrangeiros envolvidos com ideologias políticas subversivas pudessem ser facilmente expulsos do território nacional, bastando, em inúmeras vezes, que simples denúncias servissem para que o militante estrangeiro acusado fosse detido e, logo em seguida, expulso do país. A Lei Adolfo Gordo teve algumas alterações, sendo a mais significativa a que ocorreu no ano de 1921, com a promulgação do Decreto 4.247, que buscou dar regularização à entrada de estrangeiros, vistos como nocivos à paz e à ordem pública, e previa a expulsão dos já estabelecidos no país que viessem a apresentar essas mesmas tendências^{XII}.

Já o DEOPS/SP funcionou entre os anos de 1924 e 1983, tendo por objetivo controlar os cidadãos considerados nocivos à ordem pública, principalmente os militantes ligados a ideologias políticas, tanto de esquerda quanto de direita, que iam de forma contrária aos interesses do Estado^{XIII}. Durante o período de existência desse órgão, os escritores, jornalistas, gráficos e demais profissionais ligados ao ramo da edição de livros, jornais e panfletos foram amplamente visados pela polícia política, justamente por ser através das fontes impressas que as informações e ideologias tidas como “perigosas” eram propagadas de forma mais eficaz antes das bruscas transformações tecnológicas alçadas pela globalização das redes de internet entre o findar do século XX e início do XXI: “Ser escritor, tipógrafo, professor ou editor entre 1924-1983 tornou-se perigoso, principalmente se o cidadão fosse um profissional “de fé comunista”^{XIV}.

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe na mira do DEOPS/SP

Nos anos 1920 e 1930, a polícia política vinculada ao DEOPS/SP vigiava e reprimia constantemente os militantes anarquistas, a Federação Operária de São Paulo (FOSP) e os seus sindicatos filiados e as publicações libertárias de um modo geral. De acordo com a historiadora Lúcia Parra, os agentes policiais queriam impedir que as ideias anarquistas tivessem repercussão entre os trabalhadores, para evitar que, de alguma forma, viessem a gerar algum tipo de preocupação ou ameaça à ordem pública da sociedade burguesa. Desse modo, os anarquistas foram vistos de forma depreciativa pelas forças policiais, sendo caracterizados pelas autoridades como pessoas dispostas aos atos mais agressivos^{XV}. Dentre esses militantes anarquistas perseguidos pela polícia política, uma atenção especial recaiu sobre Rodolpho Felipe e Edgard Leuenroth.

Edgard Leuenroth nasceu em 1881, na cidade de Mogi Mirim, e faleceu no ano de 1968, na Cidade de São Paulo, quando foi vitimado por um câncer hepático. A militância sindical de Leuenroth iniciou-se em 1907, ao participar ativamente da criação da *União dos Trabalhadores Gráfico* (UTG) e, logo em seguida, passando a produzir o jornal oficial dessa entidade, que era intitulado *O Trabalhador Gráfico*^{XVI}. Em 1907, atuou ativamente nas greves que ocorreram em diversas fábricas paulistas e, dez anos depois, atuou como uma das principais lideranças da greve geral que eclodiu em São Paulo e, em meio essas agitações operárias, fundou o jornal *A Plebe*^{XVII}. Esse militante é considerado uma das figuras mais importantes do anarquismo brasileiro do século passado devido a sua intensa atuação no sindicalismo e na imprensa anarquista.

Na década de 1930, Edgard Leuenroth foi o responsável pelo jornal *A Lanterna*, um dos periódicos mais significativos do anticlericalismo anarquista, pois, durante todas as suas fases existência entre os anos de 1901 a 1935, foi o jornal redigido pelos anarquistas brasileiros que mais se preocupou em denunciar as “práticas imorais” que aconteciam em inúmeras Igrejas, os “perigos do ensino religioso”, a intromissão demasiada da Igreja Católica na vida privada dos homens e mulheres, entre outras tantas inúmeras críticas ao poder que a Igreja Católica exercia no Brasil e no mundo^{XVIII}.

Nessa época, *A Lanterna* circulou entre 1932 e 1935, mesmo com alguns momentos de interrupção, devido à repressão policial e às inúmeras dificuldades financeiras que os jornais anarquistas sempre encontraram devido ao baixo poder aquisitivo do seu público leitor, formado por trabalhadores de poucos recursos. Nessa fase de existência, o jornal publicou quarenta e oito edições, aparecia de modo quinzenal, primeiramente às quintas-feiras e depois aos sábados, imprimindo onze mil exemplares a cada edição^{XIX}.

Rodolpho Felipe, por sua vez, nasceu no ano de 1892, na cidade Bragança Paulista, interior de São Paulo, e boa parte de sua vida também foi dedicada ao movimento operário e aos jornais anarquistas, sendo que dirigiu os seguintes periódicos: *La Barricata*, *Germinal* e *A Plebe*^{XX}. A militância anarquista de Felipe se iniciou em 1908 e logo em 1912 foi preso pela primeira vez por fazer propaganda política revolucionária. Em 1917, assim como Leuenroth, também foi um dos militantes de maior destaque durante os movimentos grevistas que abalaram a capital paulista. No ano de 1922, manteve uma biblioteca anarquista que se chamava Inovadora^{XXI}. Já em 1930, criou a Editora A Sementeira, que vendia livros às camadas populares por um custo acessível.

No período analisado, Felipe foi o editor-chefe de *A Plebe*. Esse jornal, como já foi dito, foi fundado em 1917 por Leuenroth, durante os fortes movimentos grevistas. *A Plebe* atuou como um porta-voz dos militantes anarquistas que atuavam nos sindicatos vinculados à

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

FOSP e como um grande difusor do pensamento anarquista e sindicalista revolucionário em território nacional. Apesar dos inúmeros momentos de interrupção devido às dificuldades financeiras e à repressão policial, o jornal conseguiu circular entre 1917 e 1951, fato raro entre as publicações anarquistas brasileiras, que, na maioria das vezes, tiveram uma circulação curtíssima, algumas com apenas uma única edição^{XXII}.

Na década de 1930, *A Plebe* foi editada entre os anos de 1932 e 1935. Durante esses anos, apesar das inúmeras dificuldades, o periódico conseguiu editar cento e duas edições, que apareciam de forma semanal, com uma publicação que variava entre 4.000 e 4.500 exemplares impressos a cada edição. Diferentemente de *A Lanterna*, em que eram predominantes os textos de teor crítico ao poder do catolicismo, observa-se, em *A Plebe*, um caráter mais ideológico revolucionário, voltado quase totalmente à propaganda da ideologia política anarquista e do sindicalismo livre e autônomo.

Dentre esses militantes anarquistas, o mais investigado pelas forças policiais foi Edgard Leuenroth, o que se explica principalmente pela grande capacidade oratória desse militante, que atuou sempre entre os principais oradores em diversas conferências, reuniões e comícios em espaços anticlericais, anarquistas e sindicais, enquanto que Rodolpho Felipe, apesar de ter participado intensamente das mobilizações anarquistas, não costumava fazer o uso tão intenso da palavra.

Nas atividades anticlericais, anarquistas e operárias em que Leuenroth participou como orador, em praticamente todas havia pelo menos um agente policial infiltrado com o claro objetivo de observar minuciosamente tudo o que ocorria. Os agentes infiltrados revelam por meio dos prontuários policiais que se preocupavam severamente com a capacidade oratória de Leuenroth e também com o seu prestígio junto aos militantes sindicais e anarquistas, e assim procuraram classificar o seu discurso como “delituoso”, “violento”, “criminoso”, “subversivo”, “agitador”, dentre outros rótulos depreciativos, como uma forma de legitimar a repressão a esse militante anarquista. No que se refere ao incômodo que a capacidade discursiva de Leuenroth causava as autoridades públicas, citamos como exemplo o seguinte relato policial sobre uma reunião operária que ocorreu em julho de 1935:

Em 6 de julho de 1935, os operários grevistas da Tecelagem de Sedas Italo-Brasileira, desta Capital, convocaram uma reunião, para decidirem a atitude a ser tomada dahi [sic] por deante [sic]. Edgard Leuenroth, como éra [sic] de se esperar, não deixou de comparecer á mesma, afim de dar expansão aos seus propósitos agitadores. De facto, usando a palavra, pronunciou violento discurso, atacando as autoridades constituídas e o regime vigente, e concitando os operários a resolverem sua situação pelos meios mais extremos possíveis. Dentre todos os oradores, primou EDGARD LEUENROTH, nesta reunião, pela violência da linguagem empregada. Procurando lançar o opeariado presente na mais desastrosa agitação de animos, logrou ver elle[sic] seu discurso abafado por uma polongada e intensa salva de palmas, quando um deputado classista, que então se encontrava nesta Capital, tendo aconselhado prudencia aos grevistas, viu-se forçado a abandonar o recinto, para não ser alvo da reacção[sic] que se esboçava, em meio ao tumulto[sic] que suas palavras provocaram^{XXIII}.

Assim como o seu editor chefe, o jornal *A Lanterna* também foi investigado e reprimido pelas autoridades policiais. Rodrigo Rosa da Silva destaca que no prontuário policial dedicado a esse jornal se encontram várias cópias de panfletos, convites e folhetos relacionados às atividades de *A Lanterna* e que também era comum a presença de policiais

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

infiltrados nas diversas reuniões, conferências e palestras anticlericais que eram realizadas pelo grupo editor desse jornal ^{XXIV}. A título de exemplificação sobre a atenção que o DEOPS/SP dedicava ao *A Lanterna*, citamos o seguinte relato de um agente policial que esteve infiltrado em um festival anticlerical que foi promovido por esse jornal:

O jornal anti-clericalista “A LANTERNA”, órgão propagandista das ideias extremistas e avançadas, realizou sábado p.p. um festival no Salão das Classes Laboriosas. A maioria dos expectadores era de fora, pessoal de algum trato, mostrando bem quão eficiente tem sido a propaganda feita pelo jornal de Edgard Leuenroth. Na primeira parte do festival falou o Edgard que abordou o tema “A finalidade da “Lanterna””, discurso em que atacou violentamente os padres e a Igreja desafiando a ambos por termos pretenciosos ^{XXV}.

Mas, se por um lado as atividades de militância de Edgard Leuenroth foram mais detalhadamente observadas pelo DEOPS/SP devido a sua grande capacidade oratória, por outro, Rodolpho Felippe foi por mais vezes repreendido e preso devido as suas atividades jornalísticas, o que se explica pelo fato de *A Lanterna*, que era administrado por Leuenroth, ser mais voltado ao anticlericalismo, enquanto que *A Plebe*, o jornal dirigido por Felippe, era destinado a um discurso político revolucionário e de crítica ao capitalismo e às instituições governamentais, o que logicamente gerava uma preocupação maior para as autoridades públicas.

Na década de 1930, as fontes policiais indicam que Felippe foi detido várias vezes e também que, em alguns momentos, foi intimado a prestar depoimentos perante a polícia política devido ao seu posicionamento político e também de *A Plebe*. Em 27 de fevereiro de 1933, esse militante foi preso no “Presídio Político do Paraíso”, após ter prestado declarações à Delegacia de Ordem Política e Social, sendo acusado de ser francamente anarquista e de estar envolvido com a confecção de alguns “boletins subversivos” ^{XXVI}.

Contudo, enquanto Felippe esteve preso, o jornal *A Plebe* não deixou de circular e a sua direção ficou momentaneamente sob-responsabilidade de Adelino Tavares de Pinho ^{XXVII}. *A Plebe* e a Federação Operária de São Paulo passaram a cobrar das autoridades públicas incessantemente a libertação de Felippe. Após ser liberto, em 16 de março de 1933, Felippe retomou a sua função de diretor de *A Plebe* e, por meio do periódico, relatou que esteve preso por doze dias, não por ter cometido algum crime, mas por ser um anarquista:

De nada me acusaram que fosse crime, que seja nocivo á [sic] coletividade, a não ser de adversário e rebelde, de homem que tem a consciência do seu “eu” e que, coerente com os seus princípios, soube manter impoluta a sua consciência e a sua dignidade perante os homens divididos em fações [sic] que se digladiam pela conquista do poder, que, pelo seu fausto e honrarias, a todos ofusca e atrai pela magnificência dos proveitos materiais que proporciona e da irresponsabilidade pessoal que acompanha nas ações e gestão de todos que galguem o poder ^{XXVIII}.

Nesse período em que Felippe esteve preso, a polícia política não arrefeceu a repressão ao *A Plebe*; muito pelo contrário, tomou medidas ainda mais severas para tentar impedir a circulação do jornal. De acordo com Rodrigo Rosa da Silva, no dia 11 de março de 1933, vários agentes policiais saíram pelas ruas da capital paulista realizando “batidas” em diversas bancas em que eram vendidas as edições de *A Plebe*, apreendendo todos os exemplares que

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

encontravam do jornal, como uma medida repreensiva à circulação dos ideais anarquistas em São Paulo ^{XXIX}.

Em novembro de 1934, o jornal *A Plebe* voltou a ser repreendido de forma drástica pelas forças policiais. Em 9 de novembro de 1934, Felipe se dirigia com alguns de seus amigos ao correio para expedir as remessas da edição “nº 75-nova fase” aos assinantes de *A Plebe*, mas, antes de chegarem ao destino, foram detidos pela polícia. Com exceção de um militante, que a polícia fez com que permanecesse preso, todos foram libertos no dia 10 de novembro. Mas Felipe, ainda que livre, foi intimado a comparecer no dia 12 desse mês na Delegacia de Ordem Social para prestar esclarecimentos sobre o conteúdo que apresentava essa edição do jornal ^{XXX}.

Felipe cumpriu a intimação policial, comparecendo à Delegacia de Ordem Política e Social para ser interrogado pelo delegado F. Apolonio e, perante as autoridades públicas, assumiu-se como autor de alguns artigos não assinados que apareceram nessa edição do jornal, como “O Fantasma Vermelho”, que criticava severamente a repressão policial aos grupos de esquerda em São Paulo e ainda revelou que o jornal tinha uma tiragem de 4.500 exemplares por edição e que contava com assinantes espalhados por diversas partes do Brasil ^{XXXI}. Após o interrogatório, F. Apolonio resolveu manter a apreensão dos exemplares dessa edição do jornal, mas, em compensação, mesmo com a intensa vigilância policial, *A Plebe* permaneceu circulando ^{XXXII}.

Apesar de a ação policial contra os periódicos e jornalistas anarquistas ter sido algo constante durante todo o início da década de 1930, foi somente a partir de 1935 que a repressão política na Era Vargas começou a atingir o seu ápice. O clima repressivo vivenciado por todas as correntes de esquerda desde o início de 1935, quando o Governo decretou a Lei de Segurança Nacional no dia 4 de abril, tendeu-se a se intensificar ainda mais a partir dos levantes de novembro de 1935 que ocorreram em Natal, Rio de Janeiro e Recife; sendo que mesmo os anarquistas que nada tinham a ver com esses levantes foram violentamente reprimidos ^{XXXIII}. E, em meio a esse contexto repressivo, os policiais invadiram e fecharam as sedes de publicação de *A Plebe* e *A Lanterna*, levando inclusive Edgard Leuenroth e Rodolfo Felipe para a cadeia, sendo acusados de comunistas e de estarem envolvidos diretamente com esses levantes:

Da mesma forma que *A Lanterna*, o jornal *A Plebe* deixou de ser publicado em novembro de 1935, por causa da forte repressão que os militantes e jornais de esquerda sofreram nesse período. Rodolfo Felipe, assim como Leuenroth, também foi acusado de ter ligações com os levantes de 1935, sendo preso em 26 de novembro de 1935 e tendo sua liberdade concedida somente em 02 de março de 1936 ^{XXXIV}.

Em decorrência da repressão desencadeada pelo governo após os levantes de 1935, Rodolfo Felipe foi várias vezes detido. Primeiramente, foi encarcerado em 26 de novembro de 1935, tendo a sua liberdade concedida em 02 de março de 1936. No entanto, já no dia 10 de maio de 1936, teve a sua residência invadida pelos policiais, quando, após uma busca, o encaminharam novamente para a Delegacia de Ordem Política e Social, permanecendo na prisão por quatro dias ^{XXXV}.

Já em fins de março de 1936, Felipe, aproveitando de uns dias de folga, resolveu visitar a cidade de Santos em companhia do seu amigo Gusmão Soler, mas ambos acabaram detidos pela polícia em virtude de suas atividades anarquistas. Felipe permaneceu preso

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

nessa cidade por doze dias e depois foi transferido para o presídio político da capital paulista^{XXXVI}. Mesmo preso na capital paulista, Felipe não cessou a sua militância e passou a editar jornais manuscritos na prisão como *A Canna* e *O Xadrez*, que tratavam de forma humorística o cotidiano dos detidos:

Porém, mesmo tendo ficado atrás das grades por tanto tempo, Rodolfo Felipe continuou sua militância em prol do anarquismo, editando pequenos jornais manuscritos a lápis. Durante sua estada de 19 meses no Presídio Político Maria Zélia, diversos desses boletins improvisados circulavam entre os prisioneiros trazendo notícias e “causos” da vida carcerária de maneira crítica e satírica. Seus nomes eram sugestivos: *Gazeta do Paraíso*, *A Truta*, *A Cana* e *O Xadrez*^{XXXVII}.

Já em 1937, Felipe ficou muito doente na prisão, permanecendo internado durante o mês de junho no Hospital Militar da Força Pública. Por já estar há mais de um ano preso, e devido ao seu estado de saúde bastante debilitado, o Delegado de Ordem Social Venâncio Ayres tomou providências para que Felipe fosse finalmente colocado em liberdade definitiva em junho de 1937:

São Paulo, 14 de junho de 1937. RODOLPHO FELIPPE, anarchista [sic] militante, foi detido em 26-11-935 e posto em liberdade em 2-3-936. Em 9-6-936, procedendo de Santos, onde foi detido pelo Dr. Primavera Amato, que lá se achava em diligência, foi novamente recolhido ao Presídio Político. Actualmente [sic], acha-se o mesmo enfermo e recolhido ao Hospital Militar da Força Pública. Diante do seu estado de saúde e tendo-se em vista o facto de achar-se detido há mais de um anno [sic], opino pela libertação do mesmo, sem prejuízo da marcha regular do processo^{XXXVIII}.

Edgard Leuenroth, por sua vez, foi detido em 30 de novembro de 1935 permanecendo na prisão até o dia 10 de julho de 1936, quando o Superintendente de Ordem Política e Social Egas Botelho tomou providências para que fosse posto em liberdade, por estar bastante doente e que assim pudesse se tratar em sua chácara que se localizava em Guararema, interior de São Paulo^{XXXIX}. Ainda que livre, a polícia proibiu Leuenroth de se afastar de sua chácara até que recebesse permissão por parte Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo. Em dezembro de 1936, o agente policial Júlio Costa relata que foram tomadas medidas para que Leuenroth voltasse a residir na capital paulista para cuidar de sua esposa que se encontrava internada na Casa da Saúde Santa Rita:

S. Paulo, 29 de dezembro de 1936
Ilmo, Snr.
Dr Egas Botelho
M.D. Delegado de Ordem Política e Social S. Paulo
Conforme palestra que ontem mantive com V.S., conjuntamente com o Dr Ibanez de Moraes Sales, d “Estado de S. Paulo”, o Snr. Edgard Leuenroth, mediar sua aquiescência, retira-se de Guararema para esta Capital, afim [sic] de cuidar da saúde da esposa, que se encontra bastante enferma, na Casa de Saúde Santa Rita.
Durante a permanência nesta Capital, o Snr. Edgard Leuenroth, fica residindo à rua Fernão de Magalhães nº 55.
Com os meus agradecimentos pela atenção dispensada, firmo-me com o mais alto apreço e distinta consideração,
De V.S.

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

Amo., Ato. e Obr.
Julio Costa ^{XL}.

A repressão policial ao movimento anarquista foi algo comum durante todos os primeiros anos da década de 1930, mas passou a ser intensificada entre 1935 e 1937, sendo que o jornalismo anarquista sofreu um duro golpe nesse período. Primeiramente, após os levantes de novembro de 1935, as sedes dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* foram fechadas pela repressão policial e os seus editores foram presos. E, em meio a esse contexto repressivo que culminou na implantação do Estado Novo em 1937, personalidades importantes do anarquismo como Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe não tiveram mais espaço para se envolverem com a publicação de jornais na Era Vargas e acabaram por diminuir drasticamente as suas atividades de militância anarquista.

Considerações finais

De acordo com a historiadora Lucia Parra, os documentos produzidos pelos DEOPS/SP sobre o movimento anarquista de São Paulo revelam que atos praticamente inofensivos ganhavam perante as autoridades a dimensão de graves crimes políticos, sendo que pessoas eram detidas simplesmente por possuírem algum periódico libertário, mesmo sem nenhuma evidência da relação do indivíduo com alguma organização anarquista ^{XLI}. Desse modo, se esses fatos, sem nenhuma periculosidade à ordem pública, já geravam uma grande preocupação por parte das forças policiais, a repressão tendeu a ser ainda maior contra aqueles anarquistas ligados diretamente com a publicação de jornais, como o caso de Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe.

Ao analisar de forma comparada os prontuários policiais que procuraram investigar Edgard Leuenroth e Rodolpho Felipe, fica evidente que o primeiro militante foi o mais investigado pelas forças policiais; pelo fato de além de ser um jornalista anarquista, também era um importante orador em diversas atividades anarquistas como conferências e palestras, sendo capaz de conseguir a atenção e a admiração de muitos militantes. Desse modo, em vários momentos, os agentes policiais se infiltraram em diversas atividades anarquistas, anticlericais e sindicais observando atentamente os discursos de Edgard Leuenroth e, posteriormente, por meio dos documentos policiais, classificaram esse militante a partir de vários rótulos depreciativos, tais como “agitador”, “violento” e “subversivo”.

No entanto, Rodolpho Felipe foi o que mais vezes foi detido e intimido pela polícia política a prestar depoimentos sobre o seu envolvimento com a militância jornalista anarquista, o que se deve primordialmente pelo fato de *A Lanterna*, que era redigido por Leuenroth, ser mais voltado ao anticlericalismo, enquanto que *A Plebe*, o jornal administrado por Felipe, ser mais ligado à difusão do discurso revolucionário anarquista e de crítica ao governo e a instituições burguesas, o que evidentemente gerava uma preocupação maior para as autoridades públicas. Como foi destacado ao longo dessa pesquisa, a repressão a esse militante, devido às suas atividades anarquistas, foi tão severa na conjuntura de 1933 e 1936 que ele chegou a ser detido por cerca de cinco vezes.

Mas, apesar dessas diferenças pontuais sobre o tipo de investigação e repressão que sofreram, é importante destacar que Leuenroth e Felipe foram figuras proeminentes do anarquismo e do jornalismo independente em São Paulo, sendo que foi justamente por esses fatos que as autoridades policiais não mediram esforços para interditar o discurso

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

revolucionário veiculado por eles e pelos jornais que editavam, principalmente após os levantes de 1935, que foram utilizados como um pretexto para a polícia política reprimir e prender diversos militantes vinculados a ideologias de esquerda.

Notas

^I Mestre em História – Universidade Estadual de Maringá (UEM).

^{II} PARRA, Lucia Silvia. **Combates pela liberdade:** o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). 1 Ed. rev. e atual. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2003. SILVA, Rodrigo Rosa. **Imprimindo a resistência:** A imprensa anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2005.

^{III} BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O ano vermelho:** a revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

^{IV} Anarquistas e sindicalistas em São Paulo: repressão política e resistência nos anos 30. In: SANTOS, Kauan Wilian dos; SILVA, Rafael Viana da (org.). **História do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil.** 1 Ed. rev. e atual. Curitiba: Prismas, 2018, p. 275.

^V RODRIGUES, Andre. **Sob o estandarte rubro-negro:** anarquismo e antifascismo nos jornais *A Plebe e A Lanterna* (1932-1935). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, 2017, p.27.

^{VI} ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. **Construindo o consentimento:** Corporativismo e Trabalhadores no Brasil dos anos 30. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1994, p.90-93.

^{VII} AZEVEDO, Raquel. **A resistência anarquista:** uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo; Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. (Coleção Teses e Monografias, v. 3), p.72.

^{VIII} RODRIGUES, op. cit. nota V, p. 95-98.

^{IX} SAMIS, Alexandre Ribeiro. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo (org.). **História do movimento operário revolucionário.** 1 Ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Imaginário, 2004, p. 139-147.

^X LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Pensiero e Dinamite:** Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890. Tese (Doutorado em História)-Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006, p. 287.

^{XI} Ibidem.

^{XII} Ibidem, p. 146.

^{XIII} O DEOPS/SP era o segmento estadual paulista do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão repressor do Estado brasileiro.

^{XIV} CARNEIRO, Maria Luzia Tucci. Os arquivos da polícia política brasileira: intolerância, repressão e resistência. In: VIANNA, Marly de Almeida Gomes; SILVA, Erica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (org.). **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas.** 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Maud x: Faperj, 2014. p. 13-32.

^{XV} PARRA, op. cit. nota III, p. 59-65.

^{XVI} KHOURY, Yara Aun. Edgard Leunroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **A formação das tradições (1881-1945)** 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

^{XVII} Ibidem.

^{XVIII} RODRIGUES, op. cit. nota V, p.40.

^{XIX} Ibidem.

^{XX} SILVA, op. cit. nota II, p.31.

^{XXI} Ibidem.

^{XXII} BATALHA, **O movimento operário na Primeira República.** 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 64.

^{XXIII} AGOSTINHO, J. **Relatório de investigação para o Superintendente de Ordem Política e Social, E. Egas Botelho. Pront. 122 – Edgard Leunroth.** São Paulo: DEOPS/SP, 1936, p.59.

^{XXIV} SILVA, op. cit. nota III, p.52.

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

- ^{XXV} GUARANY. **Informações do reservado Guarany**. *Pront.* 122 – *Edgard Leuenroth*. São Paulo: DEOPS/SP, 1934, p.149.
- ^{XXVI} MEMORANDUM. **Pront. 400 – Rodolpho Felipe**. São Paulo: DEOPS/SP, 1933, p.136.
- ^{XXVII} Adelino Tavares de Pinho foi um anarquista português que emigrou para o Brasil no ano de 1906. Esse militante esteve ligado a diversas iniciativas educacionais libertárias existentes no Brasil durante as duas primeiras décadas do século XX, chegando inclusive a ser o diretor da Escola Moderna Nº 2, fundada em 1915. Adelino Tavares de Pinho também teve uma atuação bastante significativa na imprensa libertária, sendo que nos anos 1930 era um dos principais colaboradores de *A Plebe*. FREGONI, Olga Regina. **Educação e resistência anarquista em São Paulo**: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945). Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2007.
- ^{XXVIII} FELIPPE, Rodolpho. “**Na solidão do Paraíso**”. São Paulo: *A Plebe*, Nova Fase-n. 18, 25 mar. 1933, p. 03.
- ^{XXIX} SILVA, op. cit. nota II.
- ^{XXX} A PLEBE. **Sob o guante da reação**. São Paulo: *A Plebe*, Nova Fase - n. 76, 24 nov. 1934, p.01.
- ^{XXXI} Ibidem.
- ^{XXXII} Ibidem.
- ^{XXXIII} RODRIGUES, op. cit. nota II.
- ^{XXXIV} Ibidem, p. 52.
- ^{XXXV} DEOPS-SP. **Juizo de Direito Comissário para Inquiração de Presos Políticos**: Declarações que presta Rodolpho Felipe. **Pront. 400–Rodolpho Felipe**. São Paulo: DEOPS/SP, 1936, p.52.
- ^{XXXVI} Ibidem.
- ^{XXXVII} SILVA, op. cit. nota II, p. 142.
- ^{XXXVIII} AYRES, Venancio. **Pront. 400 – Rodolpho Felipe**. São Paulo: DEOPS/SP, 1937, p. 82.
- ^{XXXIX} BOTELHO, Egas. **Solicitação ao Snr. Dr. Director do Presídio Político, do Superintendente de Ordem Política e Social**. *Pront.* 122 – *Edgard Leuenroth*. DEOPS/SP. São Paulo: 1936, p.33.
- ^{XL} COSTA, Julio. **Pront. 122 – Edgard Leuenroth**. DEOPS/SP. São Paulo: 1936, p. 27.
- ^{XLI} PARRA, op. cit. nota III.

Referências

AGOSTINHO, J. **Relatório de investigação para o Superintendente de Ordem Política e Social, E. Egas Botelho**. *Pront.* 122 – *Edgard Leuenroth*. São Paulo: DEOPS/SP, 1936, p.59.

AYRES, Venancio. *Pront.* 400 – *Rodolpho Felipe*. São Paulo: DEOPS/SP, 1937, p. 82.

A PLEBE. **Sob o guante da reação**. São Paulo: *A Plebe*, Nova Fase - n. 76, 24 nov. 1934, p.01.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. **Construindo o consentimento**: Corporativismo e Trabalhadores no Brasil dos anos 30. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1994.

AZEVEDO, Raquel. **A resistência anarquista**: uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo; Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. (Coleção Teses e Monografias, v. 3).

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O ano vermelho**: a revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

BATALHA, **O movimento operário na Primeira República**. 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BOTELHO, Egas. **Solicitação ao Snr. Dr. Director do Presídio Político, do Superintendente de Ordem Política e Social**. *Pront. 122 – Edgard Leuenroth*. DEOPS/SP. São Paulo: 1936, p.33.

CARNEIRO, Maria Luzia Tucci. Os arquivos da polícia política brasileira: intolerância, repressão e resistência. In: VIANNA, Marly de Almeida Gomes; SILVA, Erica Sarmiento da; GONÇALVES, Leandro Pereira (org.). **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas**. 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Maud x: Faperj, 2014. p. 13-32.

COSTA, Julio. *Pront. 122 – Edgard Leuenroth*. DEOPS/SP. São Paulo: 1936, p. 27.

DEOPS-SP. **Juizo de Direito Comissário para Inquirição de Presos Políticos: Declarações que presta Rodolpho Felipe**. *Pront. 400–Rodolpho Felipe*. São Paulo: DEOPS/SP, 1936, p.52.

FELIPPE, Rodolpho. **“Na solidão do Paraíso”**. São Paulo: *A Plebe*, Nova Fase-n. 18, 25 mar. 1933, p. 03.

FREGONI, Olga Regina. **Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2007.

GUARANY. **Informações do reservado Guarany**. *Pront. 122 – Edgard Leuenroth*. São Paulo: DEOPS/SP, 1934, p.149.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leunroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **A formação das tradições (1881-1945)** 1 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890**. Tese (Doutorado em História)-Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006

MEMORANDUM. *Pront. 400 – Rodolpho Felipe*. São Paulo: DEOPS/SP, 1933, p.136.

PARRA, Lucia Silvia. **Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)**. 1 Ed. rev. e atual. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

RODRIGUES, Andre. **Sob o estandarte rubro-negro: anarquismo e antifascismo nos jornais A Plebe e A Lanterna (1932-1935)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, 2017.

A REPRESSÃO À IMPRENSA ANARQUISTA EM SÃO PAULO: EDGARD LEUENROTH E RODOLPHO FELIPPE NA MIRA DO DEOPS/SP (1930-1937)

ANDRÉ RODRIGUES

SAMIS, Alexandre Ribeiro. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo (org.). **História do movimento operário revolucionário**. 1 Ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Imaginário, 2004.

SILVA, Rodrigo Rosa. **Imprimindo a resistência**: A imprensa anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2005.

_____. Anarquistas e sindicalistas em São Paulo: repressão política e resistência nos anos 30. In: SANTOS, Kauan WilLian dos; SILVA, Rafael Viana da (org.). **História do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil**. 1 Ed. rev. e atual. Curitiba: Prismas, 2018.

Fontes e arquivos consultados:

A LANTERNA. São Paulo, 1933-1935. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo.

A PLEBE. São Paulo, 1932 -1935. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

Pront. 122, Edgard Leuenroth, DEOPS/SP. Arquivo público do Estado de São Paulo (AESP).

Pront. 400, Rodolpho Felipe, DEOPS/SP. Arquivo público do Estado de São Paulo (AESP).